

**Gilton Mendes dos Santos
e Miguel Aparicio (Orgs.)**

Redes Arawa

Ensaio de etnologia do Médio Purus

Copyright © 2016 Universidade Federal do Amazonas

Reitora
Márcia Perales Mendes Silva

Editora
Suely Oliveira Moraes Marquez

Revisão Português
Cátia Siqueira Taboada
Raabe Emy Souza Lima

Revisão Técnica
Rita Cintia Pinto Vieira
Suely Oliveira Moraes Marquez

Diagramação - Internas e Capa:
Márcia R. Coimbra

Imagem de capa: Trançado da cestaria dos Paumari do Rio Tapauá.

Ficha Catalográfica elaborada por Suely O. Moraes - CRB 11/365

R314 Redes Arawa: ensaios de etnologia do médio Purus. / Organização de
Gilton Mendes dos Santos e Miguel Aparicio. – Manaus: EDUA, 2016.
346 p.; 23cm

ISBN 978-85-7401-829-4

1. Etnografia – Médio Purus. 2. Etnologia – Médio Purus. I. Mendes
dos Santos, Gilton. II. Aparicio, Miguel.

CDU 316.324:39(811.3Rio Purus)



Editora da Universidade Federal do Amazonas
Av. Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, nº 6200 – Coroado I, Manaus/AM
Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho, Bloco L, Setor Sul
Fone: (92) 3305 1181 - Ramal 4290 - <http://edua.ufam.edu.br/>
E-mail: ufam.editora@gmail.com

Sumário

Etnografia das Redes Indígenas no Médio Purus Miguel Aparício Gilton Mendes dos Santos	7
Plantas e Parentelas Notas sobre a história da agricultura no Médio Purus Gilton Mendes dos Santos	19
Redes terrestres na região do Rio Purus que conectam e desconectam os povos Aruak Pirjo Kristiina Virtanen	41
Etnografia de uma pesca paumari Angélica Maia Vieira	63
Tessitura, vida e arte: a cestaria paumari Larissa Menendez	85
O ritual kulina do Aje: movimentando os coletivos <i>Madija</i> Genoveva Santos Amorim	111
O cheiro do amor: o casamento entre os Deni do Cuniuá Marcelo Pedro Florido	133
Vozes alheias - a poética dos cantos suruwaha Adriana Maria Huber Azevedo	155
Gente da mata: considerações sobre a história, alteridade e transformação entre os <i>Jamamadi</i> do Médio Purus Ingrid D. Pedrosa de Souza	189
O que significa ser “manso”? A selvageria e a civilização sob diferentes perspectivas Aline Alcarde Balestra	223
Empréstimos linguísticos e seu papel na compreensão do passado dos Apurinã (Aruak) Sidney Facundes Bruna Fernanda S. Lima-Padovani Marília Fernanda P. Freitas	245

Evidências linguísticas para as migrações dos Madiha Stefan Dienst	259
Arqueologia no Rio Purus: apontamentos iniciais Elaine Cristina Guedes Wanderley	269
Notas sobre Manoel Urbano da Encarnação e a devassa do Rio Purus no século XIX Antonio Alexandre Isídio Cardoso	297
Mata adentro. Ermanno Stradelli no Rio Purus Livia Raponi	317
Sobre os autores	341



Introdução

Etnografia das redes indígenas no Médio Purus

Miguel Aparicio
Gilton Mendes dos Santos

Nas páginas de *Canção Purus*, Gow (2006) apresenta uma perspicaz reflexão sobre a distância que há entre as concepções indígenas e o pensamento nacionalista que Euclides da Cunha projeta sobre o Purus, pouco ou nada correspondendo ao *mundo vivido* pelas populações locais, e que ele fabrica a partir de documentos escritos e dos gabinetes do Rio de Janeiro. No paradoxal jogo de encontros e desencontros entre os povos indígenas e o avanço da empresa extrativista, e para além de processos de assimilação ou desgaste das culturas nativas, Gow (2006, p. 451) observa que “foram os Piro que introduziram os padrões da borracha em sua rede de trocas”. A visão exótica e nostálgica de Euclides, chefe da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus para estabelecimento das fronteiras entre ambos os países, percebeu que nesse rio – que “parece inteiramente estranho à nossa história” (CUNHA, [1906] 2011, p. 173) – havia um fluxo intenso de grupos indígenas, conectados por uma vasta rede de igarapés e varadouros, a ponto de considerar que ele “foi talvez a maior estrada por onde passavam e repassavam, há muitos séculos, as tribos mais remotas dos extremos do continente” (CUNHA, [1906] 2011, p. 192). Tendo lido os relatórios das expedições que singraram as águas do Purus alguns anos antes de sua viagem, lembrou que *muras, pamaris, juberis, pamanás, jamamadis, hipurinãs, ubaias, canamaris, maneteneris* e *campas* “fervilhavam nas duas orlas do Purus” (CUNHA, [1906] 2011, p. 192), e testemunhou as transformações que começaram a surgir na paisagem desta região da Amazônia Ocidental.

Esta coletânea que ora inauguramos agrupa o resultado de pesquisas recentes sobre os coletivos indígenas que habitam o curso médio do rio Purus, e dá prosseguimento a um percurso recente, jovem, interessado na compreensão das sociocosmologias nativas como um conjunto de “explorações promissoras de uma etnografia que apenas começa a ser adensada”¹. Ao pensarmos

1 - Palavras de Manuela Carneiro da Cunha na contracapa de *Paisagens Ameríndias. Lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia* (AMOROSO; MENDES DOS SANTOS, 2013).

as *Redes Arawa*, não pretendemos delimitar uma nova província etnográfica, tampouco permanecer dentro de uma fronteira rígida, definida por critérios estritamente hidrográficos – a Bacia do rio Purus – ou linguísticos – a família Arawa –, mas antes alargá-la e ramificá-la, tal são seus incontáveis rios e igarapés, caminhos e varadouros que conectam seus habitantes.

Se, num momento inicial, o Médio Purus revela-se como mais uma região da Amazônia ocupada por “sociedades minimalistas”, semelhantes àquelas descritas por Rivière ([1984] 2001) para as Guianas, por outro, com mais fundamento, nos aparece como um entrelaçamento de “sistemas multicomunitários e multilocais” (GALLOIS, 2005, p. 10) que conectam aldeias, lugares e os *humanos-verdadeiros* vinculados estreitamente aos seus territórios.

Na mitologia arawa, a condição excelente de humanidade é descrita a partir de dois atributos principais, a pele e a fala bonitas.² Essa “fala bonita, verdadeira”, marca a oposição com a “fala confusa e estrangeira” dos inimigos. Quais são os grupos falantes dessas línguas verdadeiras, que classificamos como família Arawa? Fazem parte deste conjunto os Kulina, os Kamadeni, os Jamamadi Ocidentais, os Deni, os Jamamadi Orientais, os Banawa, os Jarawara, os Suruwaha, os Paumari e os isolados Hi Merimã do rio Piranhas³. Todos esses coletivos estão estabelecidos no interflúvio Purus-Juruá, com exceção dos Kulina, que tiveram uma ampla dispersão que se estende do Ucayali à foz do rio Juruá.

Um olhar atento às socialidades indígenas do Purus nos leva a desconfiar das fronteiras étnicas e conceber esse emaranhado de coletivos como uma espécie de *dégradée* (APARICIO, 2013), uma malha social vinculada por rios, igarapés, caminhos e varadouros, e que conecta os “subgrupos” *madiha* dos Kulina, os *deni* dos Jamamadi Ocidentais e Deni, os *dawa* dos Suruwaha, os *madi* dos Jamamadi Orientais, Banawa e Jarawara e os grupos locais paumari dentro de um panorama ilimitado de atualizações da condição de humanidade – a condição *madiha* para os Kulina, *kapamoarihi* para os Paumari, *jadawa* para os Suruwaha, etc. Esta “antissociologia” dos Arawa, segundo a qual a estrutura não é outra que a rede de relações, desmente a consistência de qualquer unidade sociológica de tipo étnico ou segmentar. A etnografia dos coletivos falantes de Arawa no Médio Purus nos conduz naquela direção já apontada sagazmente por Lévi-Strauss:

2 - Sobre esse tema, ver Huber (2012) e Aparicio (2015) para os Suruwaha; e Bonilla (2007) no âmbito dos Paumari.

3 - Chandless (1869), após sua viagem ao rio Juruá, colecionou uma lista de 52 palavras de um grupo denominado Arawa, já extinto – e que deu nome à família linguística. Os Arawa, segundo Rivet e Tastevin (1938) foram dizimados por causa de um surto de sarampo em 1877, e os poucos sobreviventes foram mortos pelos Kulina. Sobre a classificação das línguas Arawa, ver Dienst (2010).

Já está mais do que na hora de a etnologia se livrar da ilusão inteiramente inventada pelos funcionalistas, que tomam os limites práticos em que são confinados pelo tipo de estudo que preconizam por propriedades absolutas dos objetos aos quais os aplicam. Se um etnólogo fica acantonado um ou dois anos numa pequena unidade social, bando ou aldeia, e se esforça por apreendê-la como totalidade, isso não é razão para crer que em níveis diferentes daqueles em que a necessidade ou a oportunidade o colocariam, tal unidade não se dissolva em graus diversos em conjuntos de que ele em geral nem desconfia. (LÉVI-STRAUSS, [1971] 2011, p. 587).

Não nos encontramos, portanto, diante de um sistema grupal, nem tampouco de um “repertório” cosmológico. Os coletivos do interflúvio Purus-Juruá se desenvolvem como sociocosmologias transformacionais, como variantes combinatórias de uma estrutura⁴ que é a rede de relações arawa. A própria condição humana no mundo vivido dos Arawa se configura num grupo de transformações: não há maneira de compreender, por exemplo, o xamanismo jarawara sem adentrar nas concepções dos *dzopinehe* kulina; para acessar o significado do ritual de iniciação feminina nos Banawa torna-se imprescindível compreender as implicações do *amamajo* paumari. As concepções cosmológicas jamamadi, suruwaha ou kamadeni são necessárias para aprofundar as chaves do pensamento deni ou hi merimã. Assim como na mitologia, um cromatismo generalizado perpassa a sociologia e a constituição desses coletivos. Podemos, ainda, lembrar de outro elemento transversal da rede extensa arawa, a prática de uso do tabaco, substância obtida pela partilha de conhecimentos sobre plantas, tecnologia de fabricação e o sentido xamânico para os grupos da região (Cf. MENDES DOS SANTOS; SOARES, 2015).

A extensão dessa rede também alcança os coletivos de outras famílias linguísticas, de grupos cuja interação com os Arawa se torna constitutiva – como ocorre em toda a Amazônia, a exterioridade sustenta qualquer formação identitária. Assim, a etnografia das redes arawa precisa estar atenta aos modos de vida e ao pensamento dos Apurinã e Manchineri (Aruak),⁵ dos Katukina e Kanamari⁶ ou dos povos de língua Pano.

Esses circuitos arawa vivem atualmente um momento de vitalidade nos seus fluxos de comunicação e intercâmbio. A impressão que dá é que a época

4 - Sobre a noção lévi-straussiana de estrutura que inspira este texto, cf. Almeida (1999).

5 - Por isso foram incluídas nesta coletânea as contribuições de Virtanen (sobre os Apurinã e Manchineri) e de Wanderley e Facundes et al sobre os Apurinã.

6 - Estudados, respectivamente, nas etnografias de Costa (2007) e Deturche (2009).

mais abrupta do extrativismo significou uma espécie de interrupção temporária do dinamismo dessa rede – tudo se passa como se os Arawa contemporâneos retomassem com todo vigor a intensidade desse universo precedente de troca e reciprocidade entre seus diversos coletivos. As alternativas diante da explosão seringalista foram heterogêneas: os Hi Merimã e os Suruwaha optaram pelo isolamento em zonas de refúgio; os Banawa reagiram com veemência contra a invasão colonial das suas terras; os Deni, Jarawara e Jamamadi entraram num movimento de pacificação perpetrado pelos comerciantes e missionários; os Paumari, por sua vez, construíram uma estratégia de “parasitismo e sujeição” no enfrentamento da economia regional do aviamento (BONILLA, 2016). Os Arawa manifestam, hoje, um movimento de intenso intercâmbio social, ritual e político, como se observa, por exemplo, nas inúmeras assembleias que convocam “parentes” de todas as aldeias ou no processo crescente de indigenização das cidades de Tapauá, Canutama, Lábrea e Pauini.

Olhando para trás, um cotejamento dos primeiros relatos de viajantes e expedicionários que navegaram pelo Purus já nos surpreende com a presença e a interação entre os muitos grupos indígenas ao longo de suas margens e de seus tributários, sendo possível montar um catálogo que ultrapassa duas dezenas de povos, entre os quais, além dos já citados aqui, os *Caripuna*, *Catauixi*, *Caxarari*, *Cipó*, *Curuhaty*, *Jubery*, *Juma*, *Mamory*, *Pamanan*, *Paru*, *Quaruná*, *Tará*, *Uaipuçá*, *Uatanary*, dentre outros. Esses e outros grupos são historicamente apresentados a partir de uma intensa rede de conexões, dinamizada por roubos, perseguições e guerras, mas também por trocas, alianças e visitas.

Em Coutinho (1862), podemos identificar conexões diversas dos grupos Arawa se estendendo por todos os lados: por caminhos e “furos” de rios em direção ao rio Madeira, especialmente com os grupos Mura; em sentido oposto, por trilhas e varadouros no interflúvio Purus-Juruá; rio acima, com os (Aruak) Apurinã e Manchineri (denominados de Maneteners), e rio abaixo entre os Paumari e índios Mura, além dos grupos extrativistas que alcançaram a região a partir de meados do século XIX. O etnólogo alemão Ehreinreich (1891) comenta sobre a procura dos Jamamadi do Médio Purus por panelas de barro fabricadas pelos Apurinã, e o americano Steere (1901), que esteve pela primeira vez no Purus no ano de 1873, fala sobre a exploração dos Jamamadi por grupos Apurinã na microbacia do rio Mamoriá. Em viagens pelo Purus nos anos 1950 e 1951, o casal de etnógrafos Schultz e Chiara (1955) chama a atenção para a grande mobilidade dos índios pelos Altos Purus e Juruá, através dos tributários Envira e Tarauacá.

O novelo das redes arawa se esticou até as terras altas do continente sulamericano, especialmente por intermédio dos Manchineri em estreita ligação com o Ucayali, como mostram Coutinho (1862), Chandless (1864) e também Schultz e Chiara (1955), para quem, por intermédio dessas bacias hidrográfi-

cas havia um intenso “intercâmbio cultural”. Certamente os Arawa guardam algumas chaves ainda não suficientemente conhecidas para a compreensão dos circuitos humanos entre as terras baixas e os Andes.

Se, na percepção de Euclides da Cunha, o Purus foi um rio “vitimado pelos cronistas” ([1906] 2011, p. 173), nas últimas décadas a etnologia dos Arawa tem oferecido um acúmulo expressivo de pesquisas e publicações. As primeiras contribuições antropológicas neste universo arawa procedem de Viveiros de Castro (1978) – um relatório de pesquisa elaborado após uma viagem às aldeias kulina Maronaua e Santo Amaro, no Alto Purus – e de Donald Pollock – que produziu em 1985 a sua tese de doutorado *Personhood and illness among the Culina of Western Amazon*, após pesquisa de campo feita também em Maronaua. No Médio Purus, o trabalho etnográfico pioneiro foi realizado por Gunter Kroemer, missionário que liderou, de 1978 até 2009, a atuação do Conselho Indigenista Missionário na região. Seu ensaio histórico sobre as populações indígenas do Médio rio Purus, publicado no livro *Cuxiuara – o Purus dos Indígenas* (1985), oferece apontamentos etnográficos preliminares, resultado do trabalho de campo realizado entre os Jamamadi, Paumari, Suruwaha e Apurinã. Após participar da expedição de “contato” e de atuar como indigenista por vários anos na região do Purus, Kroemer escreveu a primeira etnografia sobre os Suruwaha: *Kunahã Made, o Povo do Veneno. Sociedade e Cultura do Povo Zuruahá* (1994).

Antropólogos engajados no indigenismo militante produziram novos estudos no fim do século XX, como revelam os trabalhos de Rangel (1994) sobre os Jamamadi do Capana; Altmann (2000) sobre os Kulina de Maronaua e Dal Poz (2000) sobre os Suruwaha – autores respectivamente vinculados às organizações CIMI, COMIN e OPAN⁷. Na mesma época, surgem as pesquisas de Lorrain (1994) sobre as políticas de gênero entre os Kulina, e de Silva (1997) sobre Antropologia da música, também entre os Kulina.

Mas, é nos últimos dez anos que irrompe, de maneira mais expressiva, o interesse pelos Arawa, marcado por uma profusão de pesquisas antropológicas, a maior parte delas de matriz estruturalista, no marco do perspectivismo ameríndio, centradas na compreensão das economias simbólicas da alteridade e nos princípios nativos de subjetivação. Destacam, nesse sentido, as seguintes etnografias – teses e dissertações – produzidas desde 2006 até o momento:

- Nos Paumari, as pesquisas de Oiara Bonilla (2007), Larissa Mendez (2012) e Angélica Vieira (2013);
- Nos Kulina, as pesquisas de Flávio Gordon (2006), Genoveva

7 - Conselho Indigenista Missionário (<http://www.cimi.org.br>); Conselho da Missão entre Índios (<http://comin.org.br>); e Operação Anchieta, que deu lugar à Operação Amazônia Nativa (<http://www.amazonianativa.org.br>).

- Amorim (2014) e Felipe Cerqueira (2015);
- Nos Jarawara, a etnografia de Fabiana Maizza (2012);
 - Nos Jamamadi orientais, o trabalho de Ingrid Pedrosa de Souza (2015);
 - Nos Suruwaha, as pesquisas de César Jardim (2009), Adriana Huber (2012) e Miguel Aparicio (2015);
 - Nos Deni, a etnografia de Marcelo Florido (2013);
 - Analisando o conjunto Arawa, devem ser apontadas as contribuições de Florido (2008) sobre parentesco; de Aparicio (2013) sobre a socialidade e os processos de formação de coletivos; e de Balestra (2013) sobre as concepções de tempo e história;
 - O estudo das línguas Arawa tem sido majoritariamente conduzido por missionários do Summer Institute of Linguistics, mas atualmente devem ser destacadas as pesquisas linguísticas de Dienst (2010 e 2014).

O interesse pelas redes indígenas arawa tem estimulado também a construção de uma rede de etnólogos, que em 2010 se encontraram em Manaus durante o Seminário *Purus Indígena: Natureza, Cultura, História e Etnologia*, organizado pelo Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), da Universidade Federal do Amazonas. Como resultado desse primeiro encontro, em 2011 foi publicada a coletânea *Álbum Purus*, sob organização de Gilton Mendes dos Santos. Tanto o evento quanto a obra objetivaram reunir pesquisadores (poucos até então) das mais variadas áreas do conhecimento para apresentar e debater problemas cruciais em prospecção inicial na região. Assim, a coletânea resultou em quase duas dezenas de artigos nas áreas de Antropologia, Sociologia, História, Ecologia e outras ciências da natureza. Além de dar visibilidade a uma região pouco estudada e debatida no âmbito das instituições acadêmicas e políticas da Amazônia, o *Álbum* cumpriu com outro objetivo: estimular novas pesquisas na região. Dois anos depois, e como resultado de um programa de colaboração e intercâmbio entre a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Amazonas, Marta Amoroso e Gilton Mendes dos Santos organizaram o livro *Paisagens Ameríndias: lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia* (2013), coletânea dividida em três partes, sendo uma delas dedicada às cosmologias Arawa. Avançando neste percurso, em diálogo e continuidade com as etapas que o precederam, o livro *Redes Arawa: ensaios de etnologia do Médio Purus* ora apresentado, é nada mais nada menos, que o resultado das pesquisas antropológicas conduzidas nos últimos anos entre os grupos indígenas habitantes dessa importante região da Amazônia Ocidental. Os textos aqui produzidos por pesquisadores de diferentes instituições e especialidades revelam o aprofundamento e a descoberta de temas

cruciais para a etnologia.

Esta coletânea, formada por catorze textos⁸, é aberta com um capítulo de autoria de Gilton Mendes, que nos apresenta uma chave interpretativa da relação vivida pelos “coletivos” (subgrupos e parentelas) com as plantas manejadas na Bacia do Purus, apontando para uma “prática elementar” da agricultura na Amazônia. Em seguida temos o texto de Pirjo Virtanen, que aborda a rede de trocas nos espaços de fronteira entre a Amazônia e os Andes, tecida pelos Aruak Manchineri e Apurinã a partir do Alto Purus. Resultado de pesquisas etnográficas entre os Paumari, os textos de Angélica Vieira e Larissa Menendez mostram, respectivamente, a dimensão mitológica e estética da produção de cestaria e a técnica, percepção e aprendizado articulados na pesca do peixe-boi pelo grupo na Bacia do rio Tapauá. O capítulo de Genoveva Amorim, elaborado a partir de sua dissertação de mestrado em Antropologia na UFAM, explora as práticas de acusação, feitiçaria e guerra engendradas no ritual do *Ajie* dos índios Kulina, e o texto de Marcelo Florido, resultado de suas pesquisas de doutorado, apresenta pela primeira vez, o sentido e a operação das regras de casamento construídas pelos Deni. O texto de Adriana Huber, fruto de intenso trabalho de campo – e também resultado de suas pesquisas de doutorado – entre os Suruwaha, fala do processo de comunicação cosmológica revelada na transmissão e criação dos cantos executados pelo grupo. O capítulo de Ingrid Souza, elaborado no contexto de suas pesquisas de mestrado na UFAM, discorre sobre a trajetória dos pequenos grupos que se constituíram o que hoje se conhece como Jamamadi Orientais, habitantes do Médio Purus. O texto de Aline Balestra explora os significados dos termos “bravo” e “manso”, forjados historicamente no contexto da exploração seringueira do Purus. Dois importantes trabalhos de linguística aparecem nesta coletânea, o de Sidney Facundes, em parceria com suas orientandas do mestrado e doutorado (FACUNDES et al), sobre empréstimos de termos arawa feitos pelos Apurinã, e o de Stefan Dienst sobre migrações e dinâmica linguística dos grupos *Madiha* (Kulina, Deni e Jamamadi Ocidentais) ao longo das Bacias do Purus e do Juruá. Notificações de primeira mão sobre arqueologia do Purus, tomando a participação dos índios Apurinã – a partir de pesquisas de campo no mestrado –, são feitas aqui por Elaine Wanderley. O texto de Antonio Alexandre Cardoso persegue a trajetória de um intrigante personagem da “história civilizatória” do Purus do século XIX, Manoel Urbano da Encarnação. Para fechar esta coletânea, Livia Raponi nos surpreende com o anúncio da presença do jurista e etnógrafo italiano Ermanno Stradelli no Purus, expondo algumas de suas fotografias de índios e seringueiros, feitas ao longo de suas incursões pela região durante os anos vividos na cidade de Lábrea.

8 - Agradecemos à Marta Amoroso e Fabiana Maizza pela leitura e comentários feitos a alguns dos textos desta Coletânea.

Para além de uma visibilidade da produção acadêmica sobre os grupos da região do Médio Purus, a presente coletânea é a própria expressão de um adensamento das pesquisas antropológicas, trazendo à tona um material que aponta para novas abordagens teórico-metodológicas em etnologia e mostrando, de uma vez por todas, o novo lugar que a região passa a ocupar nos estudos da Amazônia indígena, ao lado das Guianas, do Noroeste Amazônico e do Alto Xingu.

Referências

ALMEIDA, Mauro W. B. “Simetria e entropia: sobre a noção de estrutura em Lévi-Strauss”. *Revista de Antropologia*, Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 42, n. 1-2, p. 1-16, 1999.

ALTMANN, Lori. *Maittaccadsama: categorias de espaço e tempo como referenciais para a construção da identidade kulina (madija)*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)– Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

AMORIM, Genoveva. *Os coletivos madija e o ritual do ajje: relações de alteridade entre os Kulina no baixo Juruá*. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

AMOROSO, Marta; MENDES DOS SANTOS, Gilton (Orgs.). *Paisagens Ameríndias: lugares, circuitos e modos de vida na amazônia*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2013.

APARICIO, Miguel. “Os Suruwaha e sua rede de relações. Uma hipótese sobre localidades e coletivos Arawá”. In: AMOROSO, Marta; MENDES DOS SANTOS, Gilton (Orgs.). *Paisagens Ameríndias: lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2013. p. 247-273.

_____. *Presas del Veneno. Cosmopolítica y transformaciones Suruwaha*. Quito: Abya Yala, 2015.

BALESTRA, Aline A. *Tempos mansos: história, socialidade e transformação no Juruá -Purus indígena*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BONILLA, L. Oiara. *Des proies si désirables: soumission et prédation pour les Paumari d’Amazonie brésilienne*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 2007.

_____. “Parasitism and Subjection: modes of paumari predation”. In: BRIGHTMAN, Marc; FAUSTO, Carlos; GROTTI, Vanessa. *Ownership and nurture: studies in native Amazonian property relations*. New York, Oxford: Berghahn, 2016.

CERQUEIRA, Felipe A. *Os mundos, os corpos e os objetos: o xamanismo como troca entre madihãs e outros*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CHANDLESS, W. Notas sobre o rio Purus, lidas perante a Real Sociedade Geográfica de Londres, em 26 de novembro de 1868. *Separatas dos Arquivos da Associação do Comércio do Amazonas*, v. 9, n. 3, p. 21-29, [1949] 1864.

_____. “Notes of a Journey up the River Juruá”. In: *Journal of the Royal Geographical Society of London*, v. 39, p. 296-311, 1869. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1798554>>. Acesso em: 13 jul. 2009.

COSTA, Luiz A. *As faces do Jaguar: parentesco, história e mitologia entre os Kanamari da Amazônia Ocidental*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2007.

COUTINHO, João Martins da Silva. *Relatório da exploração do rio Purús*, Rio de Janeiro, Typographia de João Ignacio da Silva, 1862. 96 p.

CUNHA, Euclides da. “Observações sobre História da Geografia do Purus: o povoamento: navegabilidade do Purus”. In: _____. *Amazônia: um paraíso perdido*. Manaus: Valer, [1906] 2011. p. 173-210.

DAL POZ, João. “Crônica de uma morte anunciada: do suicídio entre os Sorowaha”. *Revista de Antropologia*, v. 43, n. 1, p. 89-144, 2000.

DETURCHE, J. *Les Katukina du Rio Biá (Etat d'Amazonas, Brésil): histoire, organisation sociale et cosmologie*. 2009. Tese (Doutorado)– Université de Paris Ouest, Nanterre, Paris, 2009..

DIENST, Stefan. *A grammar of Kulina*. [S.l.]: Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2014.

_____. “The internal classification of the Arawan languages”. *Liames - Línguas Indígenas Americanas*, v. 8, 2010.

EHRENREICH, Paul. “Contribuições para a etnologia do Brasil, Parte 2: Sobre alguns povos do Purus”. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 2, p. 17-135, 1891 (1948).

FACUNDES, Sidney. *The language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak)*. 2000. Tese (Doutorado)– State University of New York, Buffalo, 2000.

FLORIDO, Marcelo. *As parentológicas Arawá e Arawak: um estudo sobre parentesco e aliança*. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)– Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. “*Os Deni do Cuniuá: um estudo do parentesco*”. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GALLOIS, Dominique T. 2005. “Introdução. Percursos de uma pesquisa temática”. In: GALLOIS, Dominique T. (Org.). *Redes de relações nas Guianas*, São Paulo: Humanitas, p. 7-22.

GORDON, Flávio. *Os Kulina do Sudoeste Amazônico: história e socialidade*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)– Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2006.

GOW, Peter. “Canção Purús: nacionalização e tribalização no sudoeste da Amazônia”. *Revista de Antropologia*, v. 49, n. 1, p. 431-464, 2006.

HUBER, Adriana A. *Pessoas falantes, espíritos cantores, almas-trovões: história, sociedade, xamanismo e rituais de auto-envenenamento entre os Suruwaha da Amazônia ocidental*. 2012. Tese (Doutorado)– Universität Bern, Bern, 2012.

JARDIM, César S. *Os Zuruahã: Socialidade e escatologia*. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)– Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

KROEMER, Gunter. *Cuxiuara: o Purus dos indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

_____. *Kunahã Made, o povo do veneno, sociedade e cultura do povo Zuruahá*. Belém: Edições Mensageiro, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O homem nu*. São Paulo: Cosac Naify, [1971] 2011.

LORRAIN, C. *Making Ancestors: the symbolism, economics and politics of gender among the Kulina of Southwest Amazonia (Brazil)*. 1994. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– University of Cambridge, Cambridge, 1994.

MAIZZA, Fabiana. *Cosmografia de um mundo perigoso: espaço e relações de afinidade entre os Jarawara da Amazônia*. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2012.

MENDES DOS SANTOS, Gilton. (Org.) *Álbum Purus*. Manaus: Edua, 2011.

_____; SOARES, G. H. “Rapé e xamanismo entre grupos indígenas no médio Purus, Amazônia”. *Amazônica*, Revista de Antropologia (Online), v. 7, n. 1, p. 10-27, 2015.

MENENDEZ, Larissa. *A alma vestida: estudo sobre a cestaria paumari*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)– Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2011.

POLLOCK, D. *Personhood and Illness among the Culina of Western Brazil*. 1985. Tese (Doutorado)– The University of Rochester, New York, 1985.

RANGEL, L. H. *Os Jamamadi e as armadilhas do tempo histórico*. 1994. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1994.

RIVET, P ; TASTEVIN, C. “Les langues arawak du Purus et du Juruá (groupe arauá)”. *Journal de la Société des Américanistes*, v. 30, n. 1, p. 71-115, 1938.

RIVIÈRE, P. *O indivíduo e a sociedade na Guiana: um estudo comparativo da organização social ameríndia*. São Paulo: EDUSP, [1984] 2001.

SAUNALUOMA, S; VIRTANEN, P. K. “Variable Models for Organization of Earthworking Communities in Upper Purus, Southwestern Amazonia: archaeological and ethnographic perspectives”. *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 13, n. 1, p. 23-43, 2015.

SHULTZ, H.; CHIARA, V. “Informações sobre os índios do Alto Rio Purus”. *Revista do Museu Paulista*, Nova Séria, v. IX, p. 181-200, 1955.

SILVA, Domingos A. B. 1997. *Música e personalidade: por uma Antropologia da música entre os Kulina do Alto Purus*. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SOUZA, Ingrid D. Pedrosa de. *Gentes da Mata: histórias, alteridades e socialidades entre os Jamamadi do Médio Purus*. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)– Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

STEERE, Joseph Beal. “Tribos do Purus. Sociologia”. *Revista didática e científica*, São Paulo, v. XI, ano 1, [1901] 1947.

VIEIRA, Angélica M. *Os Paumari e o peixe-boi: da concepção histórica à prática da pesca*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)– Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

VIRTANEN, Pirjo K. “New Interethnic Relations and Native Perceptions of Human-to-Human Relations in Brazilian Amazonia”. *The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, v. 14, n. 2, p. 332-354, 2009.

VIRTANEN, Pirjo K. “Amazonian Native youths and notions of indigeneity in urban areas”. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, v. 17, n. 2-3, p. 154-175, 2010.

_____. “Fatal Substances: Apurinã’s Dangers, Movement and Kinship”. *Indiana*, n. 32, p. 85-103, 2016.

_____. “Forest-Urban Communities”. In: INDIGENOUS Youth in Brazilian Amazonia. Palgrave: Macmillan US, 2012. p. 109-124.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Os Kulina do Alto Purus, Acre*. Relatório de viagem realizada em janeiro-fevereiro de 1978. Rio de Janeiro: FUNAI, 1978.